

ANNA AMELIA - por Laura Margarida [Laly] sua irmã

[Notas de Priscilla Bueno]

Foi simples e tranquila a infância de Anna Amelia.

Nasceu na Tijuca em 1896, na Estrada Nova nº 20, na casa de seus avós maternos, Anna e Luiz Machado [Luiz Alves Pereira Machado].

Com cerca de um mês - logo depois de batizada com o nome das duas avós Anna e Amelia, foi levada por seus pais - Laura e José Joaquim de Queiroz Junior, para São Paulo, onde moravam. Estava com três anos e meio quando seu pai adquiriu em Minas uma fábrica de ferro abandonada havia longos anos: a Usina Esperança. Queiroz Junior empregou para restaurá-la os mais íngenes esforços e conseguiu por fim torná-la na verdadeira base da indústria siderúrgica no Brasil.

Assim, fixada ali a residência da família, foi em Minas que decorreu a infância de Anna Amelia.

Foi filha única durante mais de dois anos, quando nasceu uma segunda filha - que era eu. Tive assim em Anna Amelia desde que me entendo por gente, além da irmã e companheira, uma espécie de ídolo ou farol da minha existência. O lugar em que morávamos era lindo, um vale cercado de montanhas cortado por dois rios - o pequeno Esperança que, dentro dos terrenos da Usina, desembocava no rio das Velhas. O ambiente era de paz e de trabalho - o resfolegar do alto-forno pouco alterando o silêncio, pois soava como a respiração do pequeno vale pitoresco.

A casa era cercada na frente e dos dois lados, por extensa e larga varanda que nossa mãe ornamentava com vasos de plantas pendurados no teto. Também havia duas gaiolas onde os canários cantavam.

Era nessa varanda que Anna Amelia e eu nos abrigávamos quando a chuva impedia os folgedos no jardim.

Havia duas casas iguais e nos primeiros tempos moramos naquela que ficava mais próxima do pequeno rio Esperança.

Era talvez mais húmida, mas a outra melhor situada, porque construída num alto, estava já ocupada pela família de um sócio que papai teve nesse primeiro ano. Para ela nos mudamos logo que esse sócio se retirou da sociedade - visto toda a indústria no começo ser só de luta e não de lucro. Queiroz Junior continuou a lutar sozinho. A nova casa era mais batida de sol e ficava bem em frente ao edifício dos escritórios da Usina, no "Largo".

Começam daí as minhas primeiras lembranças, pois tinha apenas um ano quando fomos morar em Minas.

Poucos anos depois, nossa mãe escolheu para nós um grupinho entre as mais educadas e asseadas das meninas filhas dos operários. Mesmo assim não nos

livramos de um detestável “surto de piolhos”! Rapidamente mamãe conseguiu debelar o surto, tomando ainda a drástica medida de só consentir que viessem brincar conosco as meninas que mostrassem a cabeça bem livre dos indesejáveis bichinhos!

Foi esse o primeiro passo de sua longa ação civilizadora.

Todas as tardes o barulhento grupinho de meninas passou a reunir-se no “Largo”, em frente à casa. Brincávamos de roda, cantando em altos brados ou então corríamos incansavelmente, brincando de “pegadô” ou pique. E Anna Amelia e eu chegávamos em casa quarentas e coradas, arfando ainda do esforço das correrias, para o chuveiro e a troca de roupa. Ao jantar mamãe gostava que estivéssemos sempre de vestidinhos brancos, engomados.

Desde o início tivemos no grupinho as nossas preferências. As de Anniquinha - como Anna Amelia era chamada - foram por Joviana, a mais velha das quatro filhas do fundidor Luiz do Carmo, e as minhas por Salvina - que denominávamos “Cuida” por ser pequenina e muito esperta - filha do forneiro Teodomiro.

Mas Anniquinha pouco depois revoltou-se contra esse apelido que detestava e declarou que não mais atenderia quando assim a chamassem; exigiu ser chamada Anna Amelia, como era seu nome.

Desde pequena sempre foi resoluta, sabendo bem o que queria, e assim deixou de responder quando a chamavam de Anniquinha. Por fim todos cederam, passando a chamá-la de Anna Amelia, a começar por mim.

Nessa época já se podia notar a sua vocação poética, escrevendo os primeiros versos. Ao mesmo tempo o seu feitio firme e dominante depressa a tornou líder no nosso pequeno grupo, e eu principalmente sentia por ela verdadeira fascinação; era o meu modelo de vida.

No grupo era ela quem resolvia de que se ia brincar, quem determinava o papel que cada uma teria.

Lembro-me de um fato curioso que se passou entre ela e a nossa tia Chachacha. Essa boníssima irmã de mamãe, tinha vindo morar conosco, desde a vinda para Minas e dedicara-se inteiramente às sobrinhas. Ora, houve um dia entre Anna Amelia e ela uma desavença qualquer, e a sobrinha, arrebatada como era fez-lhe logo uma malcriação. Logo mamãe interveio fazendo ver à filha que era um dever respeitar os mais velhos e que a bondade de Chachacha conosco não merecia ser tratada sem delicadeza - quando tanto gostava de nós. Imediatamente Anna Amelia reagiu com veemência: “Se eu fui malcriada é porque gosto dela! Você já viu alguém fazer malcriação a pessoas de cerimônia? Só somos espontâneos e sinceros com as pessoas de quem gostamos e temos franqueza - portanto malcriação é uma prova de amizade!”

Com essa “espontânea franqueza” é que Anna Amelia muitas vezes, quando nas nossas correrias de “pegado” entrava correndo pelas casas de alguns operários mais amigos, para se livrar da “perseguidora”, e depois de atravessar a cozinha, saía correndo pela porta do quintal para alcançar o pique! Foi assim que se tomou de amores por um gordo bebê, filho da Nhanhá e do Sr. Alberto Bretas tomando-o muitas vezes no colo e acalentando-o por longo tempo; Aguinaldo era o nome do bebê.

Outra família de operários amigos era a dos Corradi, mas como moravam do outro lado do rio das Velhas e além disso as meninas que havia - Maria e Virgínia - estavam já umas mocinhas, não fizeram parte do nosso grupinho.

Procurando avivar a memória, lembro-me ainda de um episódio curioso. Não sei por que razão uma noite perdemos de madrugada o sono. Seriam umas quatro e nós já tínhamos dormido várias horas, pois deitávamos cedo. Sentindo-nos completamente despertas começamos a imaginar uma “aventura”. Levantamos e de mãos dadas atravessamos a varanda e parte do jardim até o balanço. Mas isso era pouco para o nosso entusiasmo e resolvemos nos meter através da neblina cerrada, a caminho da oficina. Fazia frio e nós sem agasalho, ainda mais o sentíamos. A distância não era grande, mas o caminho estava quase escuro pois as lâmpadas da iluminação mal chegavam a vencer a neblina! Lutando para dominar o medo conseguimos chegar à porta da fábrica. Mas àquela hora da madrugada toda a parte das fundições estava parada e silenciosa. Apenas os forneiros da turma da noite se mantinham em pé em volta da boca do alto forno. Aquela quase escuridão das oficinas e aquele impressionante silêncio aumentaram o nosso medo e começamos a pensar que os nossos vultos, descalças e com as amplas camisolas envolvendo até os tornozelos, seriam facilmente tomadas por fantasmas por aquele grupo de homens incultos e certamente supersticiosos! Então nos abalamos espavoridas de volta à casa... e às camas! É claro que de manhã fomos muito ralhadas quando contamos a mamãe a aventura! Logo ela nos fez prometer que jamais repetiríamos a façanha...

Foi mais ou menos por essa época que nosso tio Cristiano Machado, tia Julia e filhos vieram morar em Itabira do Campo [hoje Itabirito], que fica a menos de 3 quilômetros de Esperança. Tivemos assim durante uns tempos o convívio com nossas primas... (um ano? Dois anos? É difícilimo calcular bem o passar do tempo na infância!). Depressa se firmou grande amizade, especialmente da mais velha, Totota, com Anna Amelia e minha com as que eram mais da minha idade, Beatriz e Olga. Ainda me lembro como Totota passeava de um lado para o outro abraçada com Anna Amelia e como olhava com desdém para nós três que as imitávamos andando também abraçadas de um para outro lado, em sentido contrário ao delas. Cada vez que os dois grupos se cruzavam, Totota dizia bastante alto para que ouvíssemos: “Caim matou Abel por inveja de suas virtudes!” Embora nos sentíssemos atingidas em cheio pela frase, não desistíamos de continuar passeando abraçadas sempre na direção contrária a delas!

Contudo os planos de meu tio não tiveram seguimento e pouco depois a família voltou a morar em São Paulo. Foi então ativa a correspondência entre as primas: Urgente! Urgentíssimo!! Em grandes letras!

Pouco tempo depois nossos pais mandaram por num jornal do Rio um anúncio procurando uma professora estrangeira disposta a morar em Minas. Em casa já tínhamos aprendido a ler, escrever e contar e agora eles queriam nos dar a oportunidade de aprendermos línguas. Contudo foi brasileira a nossa primeira professora, que entretanto falava francês como a própria língua. Foi assim o francês a primeira língua que aprendemos, com D. Dagmar de Suckow. Era uma moça fina e educada mas só esteve conosco pouco mais de um ano, creio, porque sendo ainda jovem saiu para ir se casar no Rio com o Dr. Themistocles Halfeld.

A seguir tivemos uma inglesa, Miss Ione Reynolds, e foi então que com pouquíssimos meses de estudo, Anna Amelia escreveu o primeiro soneto em inglês do qual infelizmente minha memória só reteve a primeira quadra:

Little Harry, come here
see this butterfly so fine!
Yes, Funny, my dear
It is mine! No, it is mine!

Mesmo em língua estranha que começava a aprender, já o ritmo era perfeito! Anna Amélia teria uns 8 ou 9 anos. É incrível que falando de Anna Amelia, só agora eu tenha falado em poesia. Mas eu era tão criança que melhor gravava na memória as brincadeiras infantis do que as sucessivas etapas do desenvolver do seu raro talento poético. Voltando a Miss Ione: era culta, boa e delicada; não tinha porém, muita saúde e por isso ficou conosco talvez menos de dois anos. Creio que foi mais ou menos por esta época que papai mandou buscar no Rio todos os instrumentos para uma banda, e também os uniformes para os músicos - azul marinho com botões dourados. Via que vários operários tinham tendências musicais positivas - principalmente os Corradi de ascendência italiana - e resolveu fundar a Banda Esperança que veio depois rivalizar com a que já havia em Itabira do Campo (anos mais tarde a cidade de Itabirito, naquele tempo pouco mais que um arraial). Os ensaios dessa banda realizavam-se na sala grande do edifício do escritório que ficava em frente à nossa casa. Aos domingos tocavam num coreto alto que papai também mandara construir em meio ao Largo e que tinha embaixo uma sala onde eram guardados os instrumentos.

Assim, havendo música, depressa se resolveu dançar e as “meninas do Doutor” alegres rodopiavam nos braços dos operários, inclusive os do bom Galdino, velho preto e manco, um dos mais antigos operários da Usina. Nessas danças talvez a mais entusiasmada fosse a nossa atual professora - uma irlandesa gorda e alegre cujo nome esqueço, a qual depressa se ambientara e sem nenhum racismo dançava também com qualquer daqueles pares. Em pouco tempo, porém, mamãe observou que ela não tinha a finura de uma professora, embora praticássemos bem o inglês com ela. Começou a sair na varanda em trajés menores e a “montar a cavalo” no grande chão da casa. Então dando as desculpas das nossas próximas férias no Rio, mamãe dispensou a irlandesa.

Nessa altura tinha já Anna Amelia escrito várias de suas primeiras poesias e ainda guardo uma de cor. Tinham os operários, por sugestão de mamãe, erigido num monte em frente, um alto Cruzeiro de madeira e isso inspirou a Anna Amelia o seguinte soneto:

No alto sobre o píncaro do monte
banhado pelo sol em plena luz
destaca-se no límpido horizonte
O vulto altivo e nobre de uma cruz

Fica de nossa casa bem defronte
tendo por fundo os vastos céus azuis;

Ei-la de pé, erguida ativa a fronte
Simbolizando a glória de Jesus!

Ei-la... abrindo os seus braços pelo espaço
Envolve o nosso vale num abraço,
E todos a contemplam e veneram

Oh cruz! Oh Santa Cruz Serena e boa,
Lá de perno das nuvens abençoa,
As almas sãs e puras que te ergueram!

Este soneto está no ESPERANÇAS, o primeiro livro de Anna Amelia.

Nossos pais, que apreciavam o dom poético da filha, mandaram imprimir em Paris o pequeno livro através de tio Alberto que lá morava então. Eram todas poesias escritas na infância. Quando o livro foi publicado no Rio, a crítica foi unânime em entusiásticos elogios embora a autora fosse desconhecida e não tenha havido a menor propaganda.

Um dos mais conceituados críticos chegou mesmo a escrever> “Ou esses versos não são desta criança, ou essa criança é um Shelley tropical.”

Com tudo isso, Anna Amelia entretanto continuava profundamente, deliciosamente infantil. Quando fez onze anos usava ainda meias curtas e vestido curto (coisa que naquela época era exclusivamente de uso infantil).

Como fosse muito alta e desenvolvida, mamãe pensou em começar a vesti-la um pouco mais gênero “mocinha”. Mas Anna Amelia indignou-se e quase chorando protestou, dizendo que ia colar na testa com esparadrapo um papel escrito:

“Tenho só onze anos!” Sentia-se infantil e gostava de conservar a infância o mais possível.

Lembro-me ainda de um carnaval em que mamãe nos fez caprichadas fantasias: eu fui uma *Diabliesse* e Anna Amélia a Musa da poesia. Parece que vejo ainda como ela ficou linda, vestida à grega e coroada de flores. A fantasia apenas fazia ressaltar a beleza que lhe era própria, pois além do brilho da idade, tinha feições perfeitas: a boca, os dentes, o nariz e os grandes olhos castanhos que refletiam a inteligência excepcional; na cabeça longos cabelos de um castanho claro, levemente ondulados, estavam soltos e realmente parecia a própria deusa da poesia...

Recordo mais, as nossa idas ao cinema à noite em Itabira com nossa tia Chachacha. Costumávamos ir no trem noturno que passava à tarde. Jantávamos então numa casa amiga, de D. Elizinha Lacerda, onde éramos recebidas carinhosamente. Numa dessas vezes, no seu estabamento infantil, correndo com as crianças da casa, Anna Amelia deu um forte esbarrão em um senhor que entrava! Mas esse seu estabamento infantil não deixava de ser um dos seus grandes encantos e todos a alvoravam. Depois do jantar íamos todos ao cinema - ainda mudo - e era uma verdadeira reunião familiar: as mães levavam seus filhos pequeninos, mudavam-lhe as fraldas e muitas vezes lá mesmo os amamentavam. A criança mais crescida acompanhava o desenrolar do filme, ora batendo com

os pés nos momentos de suspense, ora aplaudindo nos pontos culminantes. Era enfim, o verdadeiro cinema da roça, naqueles idos de cerca de 1910. Terminando o cinema entre dez e meia onze horas, voltávamos para Esperança a pé, sempre pelo caminho ladeando os trilhos da estrada de ferro, e sempre acompanhadas por nossa boa tia e mais um outro operário que voltava também do cinema.

Quando havia lua nós nos embebíamos daquele poético cenário e muitas vezes cantávamos ou dizíamos versos pelo caminho.

Uma noite em que fomos apreciar o luar de um pequeno caramanchão atrás da casa, tanto nos emocionamos que chegamos a chorar de pura emoção.

É natural que a beleza rústica do ambiente em que fomos criadas, influenciasse a inspiração dos versos de Anna Amelia; mas ela também se inspirava com coisas bem diversas. Quando em 1910 nosso pai inaugurou no dia 11 de abril, aniversário de nossa mãe, um segundo alto forno (esse desde os alicerces construído por ele), Anna Amelia inspirou-se em belos versos exaltando a siderurgia. Esses versos foram musicados e tinham um estribilho; eu ainda os sei de cor:

Entre palmas e flores saudamos
este dia risonho e feliz
E hino alacre de glória entoemos
A indústria do no país!

estribilho:

Entoemos um hino ao trabalho
Ao trabalho que nos dá o pão!
Ao bater ribombante do malho
Entoemos a nossa canção

Trabalhando com toda a energia,
Chegaremos por fim à grandeza.
Esta indústria que então principia.
Fará breve da Pátria a riqueza!

Todas as crianças da escola pública (que nossa mãe tinha conseguido obter para os filhos dos operários da Usina), tinham decorado esses versos que foram cantados em coro, no momento em que jorrava da boca do alto forno o fogo líquido e pastoso da primeira corrida de ferro em Esperança.

Foi altamente emocionante aquele coro de vozes infantis cantando os versos que outra criança escrevera exaltando a obra de seu pai. Não creio que na multidão dos convidados para essa inauguração tenha havido um sequer que não se emocionasse então.

Procurando na memória outros fatos da nossa infância, recordo também com emoção as serenatas com que os operários saudavam sempre os aniversários da família Queiroz - dos nossos pais, o de Anna Amelia e o meu. Éramos acordados de madrugada ainda, ao som de sanfona, violão, flauta, etc. e as nossas janelas

eram abertas à neblina fria que envolvia tudo numa gaze branca. Cantavam também e eu ainda me lembro dos versos:

Vamos Eugenia fugindo
De tudo alegres nos rindo
bem longe nos ocultar...

Versos que só recentemente descobri serem de Castro Alves.

Depois de aplaudi-los e agradecer-lhes, nossos pais diziam sempre que o grupo voltasse à tarde, quando então lhes eram oferecidos bolo e cerveja.

Naquele tempo e naquela vida de roça, Anna Amelia e eu nos habituáramos a viver sempre em correrias e trepando em árvores, nunca fazendo de “mãezinha de boneca”. Na verdade, não me lembro de termos tido uma verdadeira boneca - dessas de cabelos louros e olhos azuis que costumam fazer o encanto das meninas. É que o dinheiro era escasso para nossos pais nos poderem dar belas bonecas e assim nos inclinamos sempre mais para as correrias e jogos e a fazermos ginástica penduradas nos galhos das árvores do jardim.

Entretanto, também improvisávamos bonecas: eram de papel, recortadas de revistas e coladas em papelão. Por tal sistema, podíamos ter vastos enxovais, pois era só recortar mais vestidos que tinham atrás duas tiras também de papel coladas pelos dois extremos: era só enfiá-los nas bonecas! Fazíamos assim grandes famílias pois recortávamos crianças e homens com suas roupas. Ainda me lembro o quanto chorei quando um dia Anna Amelia, para mexer comigo, referiu-se ao meu “filho” Percy dizendo: “Entro na sala e o perce...vejo”- Esse trocadilho deu-me um profundo desgosto... tão tola é a infância!

Inventamos também outro tipo de bonecas cortando as pontas dos leves galhos do cedro, deixando-lhes as bases mais grossas para serem as cabeças, onde encaixávamos as flores fechadas do “amor de homem” que a nossos olhos eram as cabeleiras!

Além disso tínhamos um balanço que adorávamos e ainda uma cabacinha com paredes de esteiras e teto de sapé, bastante grande para nela arrumarmos nossas duas cozinhas com comidinhas de lama e mato picadinho. Fazíamos então nossos “maridos” com pedaços de pau mais altos que nós, aos quais dávamos nomes e sentávamos para jantar, encostando-os na parede. E esses casais visitavam-se muitas vezes.

Com tantas distrações o tempo passava rápido, mas Anna Amelia nunca deixava de simultaneamente ir escrevendo novas poesias.

Era curioso o contraste dessas nossas brincadeiras infantis muitas vezes no meio de meninas semianalfabetas, com os nossos estudos em casa, gramática, história, geografia, piano, etc., e especialmente línguas. Depois da irlandesa, tivemos consecutivamente duas professoras alemãs e com elas além de continuarmos o francês e o inglês, aprendemos mais essa língua.

Como Anna Amelia e eu tínhamos uma grande sede de aprender, podíamos fazê-lo com facilidade.

Outra coisa que nos ia habituando a cultivar a elevação do espírito era o convívio à noite com nossos pais, em volta da mesa depois do jantar. Eles sempre

buscavam ter conosco conversas interessantes, com temas elevados. Mesmo ouvi-los conversar, já era edificante. Nosso pai tinha em rapaz, tido um grande entusiasmo por teatro, quando ouvia no Rio, grandes atores como os italianos Zanoni e Novelli e os portugueses Brazão e Chaby Pinheiro. Tamanho tinha sido o seu entusiasmo que chegara a pensar em abandonar o curso de engenharia pelo teatro (sonho que nunca passou de sonho). Assim, nas tranquilas noites em família na Usina, ele muitas vezes declamava para nós trechos de peças famosas ou belas poesias, sempre com muita vida e expressão. Nossa mãe tocava piano - e bastante bem - mas lamentavelmente nenhuma das três filhas teve o menor pendor musical. E se agora escrevi três filhas, foi porque embora durante todos esses anos Anna Amelia só tivesse tido a mim por irmã, no final da nossa infância - ela aos quinze e eu a completar os treze - nasceu Jujuca, uma irmãzinha caçula, bonequinha viva de olhos azuis e cabelos louros. Poderia ser quase filha nossa, entretanto nenhuma das duas se dedicou maternalmente ao lindo bebê, como se poderia supor. Seria por nunca termos brincado de boneca?

Com tanta brincadeira movimentada e tantos estudos, o nascimento da irmãzinha não chegou a alterar muito a nossa vida. Por isso nunca disputamos a tia os seus desvelados cuidados com o bebê.

Além disso era também verdade que quase não restavam intervalos para nos dedicarmos à pequenina, constantemente entregue à mãe ou a nossa tia que transferira para ela a sua antiga predileção por Anna Amelia. Tornou-se inteiramente obcecada pela nova sobrinha - o que foi providencial porque dois anos depois, mamãe teve que desviar da caçula os seus desvelos para se dedicar por completo ao marido doente; uma esclerosa na medula acabou por prestar inteiramente aquele incansável batalhador, cujos três últimos anos foram de total paralisia. Esteve sempre cercado de inexcedível dedicação de Laura e das filhas. Mas, voltando à infância de Anna Amelia, sempre compartilhada por mim, em meio a todas as infantilidades que relatei, nunca deixou de se ir paralelamente firmando o seu gênio poético que desabrochava em poesias cada vez a mais bela. Nunca houve incompatibilidade entre a sua vida infantil e o culto pela poesia. Entretanto tinha havido em nossa vida uma mudança radical. Tínhamos saído de Esperança e a família tinha fixado residência no Rio, em busca de tratamento para o nosso pai.

Contudo aos quinze anos já não se é mais criança, por isso encerro aqui essas recordações da infância de Anna Amelia.

Para ela abriram-se então novos horizontes, entrando na fase lírica, tanto na vida real como na poesia.

A publicação em 1922 do seu primeiro livro definitivo ALMA foi a consagração do seu valor poético esboçado em ESPERANÇAS quando ainda criança.

Laura Margarida de Queiroz Costa (Laly)

Obs. No livro ESPERANÇAS há um poema dedicado a Laly:

À minha irmã Laly

Oh, musa, minha musa sonhadora!
Oh musa, minha amiga, minha irmã!
Minha visão formosa, sedutora,
Risonha como a estrela da manhã!

Tu és a luz que meu viver enflora,
Oh minha musa, minha doce irmã!
Quero beijar-te os lábios cor de amora
Quero beijar-te as faces de romã!

Oh, musa em cujos olhos cismadores
Minha alma vai sonhar, visão querida,
Tu que se rio, és toda riso e flores

E que soluças se me vês sentida,
Nunca me deixes, que se além te fores,
Eu morrerei, pois vivo em tua vida! ...